



Especialistas mostram que, em 2 de outubro, eleitor deve optar por colocar na Câmara e no Senado nomes calejados da política. Partidos que integram o Centrão devem se beneficiar nessa busca por veteranos

# Uma eleição sem “outsiders”

» TAÍSA MEDEIROS  
» RAPHAEL FELICE

Em sete dias, o Brasil conhecerá os deputados federais eleitos para os próximos quatro anos e um terço dos senadores escolhidos para representar seus estados nas próximas duas legislaturas. Além da tendência de que seja mantida a polarização representada pelos líderes das pesquisas de intenção de votos, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL), a expectativa é que das urnas não emergirá um número expressivo de “outsiders” — aquele candidato que não tem passado na política parlamentar ou executiva e que entoa um discurso anti-sistema —, como aconteceu em 2018. Expectativas dos partidos e de especialistas apontam, ainda, para uma Câmara com maioria de deputados ligados ao Centrão, que atualmente, é aliado do presidente da República.

Pesquisas de intenção de voto de institutos e consultorias especializadas apontam que mais da metade dos deputados federais deve ser reeleita. Na avaliação do presidente do Conselho Científico do Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipespe), Antonio Lavareda, a natureza da eleição de 2022 é diferente da “eleição crítica” de 2018. Conforme observa, parte dos parlamentares eleitos na onda bolsonarista vai competir com seus próprios companheiros de base.

“Esses deputados e deputadas, senadores bolsonaristas, estão competindo agora com base no desempenho deles. Ao longo da caminhada, alguns entraram em conflito com o presidente ou com seus filhos. É o caso da Jaina Paschoal (deputada estadual em São Paulo e que busca uma vaga no Senado), de Alexandre Frota, de Joice Hasselmann (ambos tentam a reeleição à Câmara dos Deputados). Estou citando três super votados na eleição de 2018. Uma coisa que nós podemos apostar é que os bolsonaristas de 2018 não vão ter, agora, o grande desempenho que tiveram”, explica Lavareda.

## Perfil

O Centrão deve ser o bloco político mais beneficiado com a eleição das velhas caras. Ainda assim, Lavareda evita adiantar que o grupo parlamentar terá uma atuação semelhante à

Minervino Junior/CB/D.A. Press



Bloco predominante na Câmara dos Deputados, Centrão tem tudo para manter a hegemonia, agora incorporando políticos veteranos

## Dança das cadeiras

Previsão dos partidos para eleição de deputados federais em 2023

Partidos	Bancada Câmara 2021/22	Bancada Câmara 2023 (expectativa)	Expectativa de crescimento
PL	77	80	+3,8%
PP	58	62	+1,6%
PT	56	75	+34%
União Brasil	51	60	+20%
PSD	46	48	+4%
Republicanos	44	55	+25%
MDB	37	50	+35%
PSB	24	29	+20%
PSDB/Cidadania	29	40	+37%
PDT	19	37	+94%

## Polarização no Senado

### Candidatos bolsonaristas na liderança

Acre	Alan Rick (União Brasil);
Roraima	Mariana Carvalho (Republicanos);
Distrito Federal	Dr Hiran (PP);
Mato Grosso	Flávia Arruda (PL);
Mato Grosso do Sul	Wellington Fagundes (PL);
Rio de Janeiro	Tereza Cristina (PL);
Minas Gerais	Romário (PL);
Santa Catarina	Cleitinho (PSC);
	Raimundo Colombo (PSD).

### Candidatos lulistas na liderança

Alagoas	Renan Filho (MDB);
Bahia	Otto Alencar (PSD);
Ceará	Camilo Santana (PT);
Maranhão	Flávio Dino (PSB);
Paraíba	Ricardo Coutinho (PT);
Pernambuco	Teresa Leitão (PT);
Piauí	Wellington Dias (PT);
São Paulo	Márcio França (PSB);
Amazonas	Omar Aziz (PSD).

que tem hoje, com Bolsonaro no Palácio do Planalto. “Precisamos esperar ainda para ver como vai ser. Os detalhes vão fazer diferença. O Lula ganha ou não no primeiro turno? Tem ainda o número de governadores eleitos por partido e é preciso ver se

isso muda, e quais partidos saem mais ou menos fortes”, observa.

Ainda que o bolsonarismo “raiz” tenha perdido força, os partidos hoje aliados do presidente devem, juntos, eleger uma boa quantidade de congressistas veteranos de outras eleições. Segundo

a estimativa das próprias legendas, o cálculo de PL, PP e Republicanos é eleger um total de 197 parlamentares — sendo muitos marinheiros de várias viagens.

Se o União Brasil (fusão do PSL, partido pelo qual Bolsonaro se elegeu em 2018, com o

DEM) for contabilizado como integrante do Centrão, a quantidade de deputados federais que integra a base do governo chega a 257. Na oposição de esquerda, PT e PSB somam 104 deputados.

Somando o PDT, que possui relação estremeçada com os

petistas por conta dos ataques que Lula na corrida eleitoral, esse número chega a 141. O número ainda contará com os parlamentares eleitos pelo PV, PCdoB, PSol, Rede, Solidariedade, Avante, Agir e Pros, que têm, juntos, um total de 40 deputados.

## Nominata forte

Na avaliação de Publio Madruga, sócio da Distrito Relações Governamentais, a atual eleição não é para os “outsiders”. Com o fim das coligações, os partidos passaram a investir em nominatas mais fortes para puxar votos e tentar atingir a cláusula de barreira, que aumentou o sarrafo na eleição atual, em comparação com o pleito de 2018. Partidos como o PSDB, por exemplo, colocaram o ex-senador, ex-governador e ex-candidato à Presidência da República José Serra (SP) para disputar uma vaga na Câmara dos Deputados.

“Não é uma eleição de ‘outsider’. Você precisa de voto, precisa de dinheiro e o quociente eleitoral. O fundo eleitoral, que é de onde vem o dinheiro hoje, é entregue em maior volume para quem eleger mais deputados. Uma amostra disso é que, este ano, temos o maior número de tentativa de reeleição da história”, salienta.

Na avaliação do professor de Ciência Política Valdir Pucci, os eleitores que vão votar no próximo domingo trarão de volta políticos tarimbados para ocupar as cadeiras do Parlamento. Conforme observa, a chamada “nova política” — que emergiu dos protestos que desembocaram no impeachment da presidente Dilma Rousseff e tracionaram a campanha de Bolsonaro e seus apoiadores — não produziu os efeitos esperados e, em muitos casos, ainda trouxe decepções.

“A ‘nova política’ não produziu os frutos esperados pela população. Vejo que, em 2022, nós teremos uma Câmara mais conservadora, mas não no sentido ideológico. Conservadora no sentido de o eleitor resgatar a políticos mais tradicionais, mais tarimbados na arte da negociação e com os discursos mais tradicionais”, diz. Pucci explica, ainda, que os políticos eleitos em 2018 como “outsiders” que podem vir a ser reeleitos não podem mais ser classificados como “novatos” no Parlamento.

## Cenário imprevisível no próximo domingo

Apesar de as pesquisas de intenção de voto indicarem um eleitorado majoritariamente decidido, analistas indicam fatores às vésperas das eleições que podem mudar o cenário em 2 de outubro. Um deles é a abstenção, que pode ser facilitada neste ano pela possibilidade de justificativa por aplicativo. Há, ainda, o voto útil dos que defendem encerrar a disputa no primeiro turno, o chamado “voto envergonhado” — não revelado nas pesquisas —, e o percentual de indecisos.

Baixo nos levantamentos estimados (quando o pesquisador apresenta uma lista dos candidatos ao entrevistado), o índice de indecisos varia de 11% a 28% nas pesquisas espontâneas, aquelas em que os nomes dos candidatos não são apresentados ao eleitor durante a entrevista.

Segundo o cientista político e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Fernando Abrucio, a taxa de indecisos pode ser maior do que aparece nas pesquisas. “Alguns querem esperar até o fim para se informar

mais e tomar uma decisão. Muitos podem ir para Simone Tebet (MDB) ou Ciro Gomes (PDT), outros querem decidir se vão votar em Lula (PT) como voto útil. O voto é uma combinação de fatores sociais e econômicos, além de valores. Bolsonaro estacionou porque a economia está melhorando, mas o bem-estar social não está”, aponta.

A abstenção também pode influenciar no resultado final da votação. O índice cresceu de 16%, em 2006, para 20,3% em 2018. Foram quase 30 milhões de pessoas que deixaram de votar naquela eleição. Para analistas, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) pode ser o mais prejudicado com eventual alta de faltantes, mas ela também afetaria a votação de Jair Bolsonaro (PL), que tenta a reeleição.

De acordo com Abrucio, as classes D e E (cuja maioria declara voto em Lula) tendem a votar menos, assim como os idosos (maioria escolhe Bolsonaro). Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) mostram que, em

Ed Alves/CB/D. A Press



2018, o grupo com maior índice de abstenção foi o de analfabetos com mais de 60 anos (superior a 50%). Por outro lado, houve neste ano recorde de jovens abaixo dos 18 anos que tiraram título de eleitor — 2 milhões.

Para o diretor da Quaest, Felipe Nunes, a trajetória da mudança de intenção de voto dos eleitores é evidente. “As pessoas são incapazes de mudar dependendo

da dinâmica do sistema eleitoral. Aconteceu em 2018 e isso tende a acontecer em 2022. Não é desprezível o efeito que a gente pode ter de voto útil”, diz.

O mais recente levantamento do Datafolha mostrou que 11% admitem mudar de escolha para que a eleição presidencial acabe no primeiro turno. No Ipespe, 68% também disseram que preferem que termine no dia 2.

Ente os indecisos e erráticos, há os que podem fazer um “voto envergonhado” no próximo domingo. E, segundo analistas, dentre eles, os mais presentes seriam os evangélicos.

“O voto envergonhado evangélico é uma realidade. Criou-se um meio em que quem fala que vai votar no Lula sofre uma represália social”, disse o cientista político e diretor do Observatório Evangélico,

## Especialistas alertam para a abstenção e o “voto envergonhado”, cujo alcance as pesquisas não conseguem medir

Vinicius do Valle. A campanha de Bolsonaro aposta que exista também uma parcela de voto envergonhado para ele nos segmentos mais pobres. E o mesmo ocorreria em sentido inverso, nas faixas de maior renda, pró-Lula.

## Economia

O tema mais frequente nas preocupações do eleitorado é a economia, conforme mostram as últimas rodadas das pesquisas. Para o presidente do Instituto Locomotiva, Renato Meirelles, o grupo de eleitores que recebe de dois a cinco salários mínimos é um dos mais afetados pela flutuação da carestia. Ele aponta que, historicamente, esses eleitores têm potencial de definir a eleição, por ser um segmento em disputa.

É o que acontece nesse pleito. Enquanto Lula avança entre os mais pobres e Bolsonaro entre os mais ricos, a classe C é disputada voto a voto. No Ipec, presidente e petista já assumiram a liderança mais de uma vez na série histórica, o que pode resultar em surpresas no dia 2.